

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

IRISLENE PAIVA ARAÚJO

PÉROLAS NEGRAS NA EJAI

CODÓ-MA
2019

IRISLENE PAIVA ARAÚJO

PÉROLAS NEGRAS NA EJAI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Maranhão - UFMA, no curso de Pedagogia como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Kelly Almeida de Oliveira

CODÓ-MA

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Paiva Araújo, Irislène.

PÉROLAS NEGRAS NA EJAI / Irislène Paiva Araújo. - 2019.
48 p.

Orientador(a): Kelly Almeida de Oliveira.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2019.

1. EJAI. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Quilombola. I.
Almeida de Oliveira, Kelly. II. Título.

IRISLENE PAIVA ARAÚJO

PÉROLAS NEGRAS NA EJAI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Maranhão - UFMA, no curso de Pedagogia como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Kelly Almeida de Oliveira

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Kelly Almeida de Oliveira
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
(Orientadora)

Prof^a. Ma. Gleiciane Brandão de Carvalho
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
(1º Examinadora)

Prof. Dr. Luís Henrique Serra (2º Examinador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
(2º Examinador)

Aos meus Pais, eles são a bússola que
conduzem minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por me dar a oportunidade de ingressar no Ensino Superior e estudar perto das pessoas que amo.

Aos meus filhos David e Allyson, pelo incentivo e pelos momentos em que não estava presente, em decorrência das viagens.

Ao meu esposo, pela compreensão e pelo incentivo em me inscrever no Enem, e voltar a estudar.

A minha orientadora professora Kelly Almeida, por confiar em mim, e dar a chance de participar do Projeto EJAÍ Mulher. Obrigada por essa experiência incrível!

Aos colegas do grupo do Fundão, que durante quatro anos me tolerou, e pelos momentos de lazer e trabalhos em equipe, obrigada pessoas lindas!

A melhor equipe de professores da UFMA: Professor Luís, melhor aula do mundo!; Prof^o. Severina, pelas exigências; Prof^a. Cristiane, pela solidariedade em tudo; Prof^a Maria do Carmo, simplicidade em pessoa; Prof^a. Franciele, por suas aulas, "quem é o Roy?"; Prof^a. Socorro, pelo auto astral de suas aulas; 1,2,3 à Prof^a. Evelta com carinho; Prof^a. Gleice, pela compreensão em tudo; Prof^o Dilmar, pelo pouco tempo juntos e pelo carinho que guardo no coração; Prof^a Jascira, pelas aulas de Políticas Públicas; Prof^o. Aziel, pelas cobranças de resultados.

Às secretárias competentes da UFMA, Janayna e Josy.

À equipe de limpeza da UFMA, por ter nos emprestado o uniforme para apresentarmos um trabalho. Obrigadoo!

A todos, só gratidão!

“Sucesso não tem a ver com dinheiro que você ganha. Tem a ver com a diferença que você faz na vida das pessoas”.

Michelle Obama

RESUMO

A pesquisa intitulada Pérolas Negras na EJA é um desdobramento do Projeto EJA mulher e a ressignificação dos saberes femininos. Dentre os questionamentos destacamos: como alfabetizar mulheres, jovens, adultos, idosas, negras e de comunidade quilombola? O objetivo desta pesquisa é investigar o processo de alfabetização de mulheres afrodescendentes da comunidade quilombola Laranjeiras, município de Aldeias Altas/MA. Que terá como subsídio as práticas pedagógicas que buscam identidades culturais e propiciar a troca de experiências e enriquecimento mútuo, utilizando a afetividade como ferramenta para o processo ensino-aprendizagem, discutindo sobre a importância da educação na comunidade, bem como conhecer a trajetória e a realidade das alunas, oportunizando o aprendizado por meio de materiais acessíveis, visando não apenas a decodificação das letras, mas a visão de mundo. Com a finalidade de analisar como ocorrem as relações, foram desenvolvidas pesquisa bibliográfica, fichamentos e pesquisa de campo. Entre os teóricos estão: Paulo Freire (1996), Wallon (1978), Sueli Carneiro (2011), Conceição Evaristo (2008). As alunas que frequentam a sala da EJA superam as dificuldades e os intempéries do dia - dia, graças à vontade em adquirir o conhecimento letrado.

PALAVRAS-CHAVES: EJA, quilombola, ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The research titled “Perolas Negras” in EJAÍ is an unfolding of the EJAÍ woman Project and the redetermination of feminine knowledge. Among the questions we highlight: How to alphabetize women, young people, adults, elderly, blacks and Quilombola community? The aim of this research is to investigate the literacy process of Afro-descendent women from the Quilombola Laranjeiras community, municipality of Aldeias Altas/MA. That will have as subsidy, pedagogical practices that seek cultural identities and provide the exchange of experiences and mutual enrichment, using affectivity as a tool for the teaching-learning process, discussing the importance of Education in the community, as well as knowing the trajectory and reality of the students, providing opportunities for learning through accessible materials, aiming not only the decoding of the letters, but the worldview. In order to analyze how relations occur, bibliographical research, bindings and field research were developed. Among the theorists are: Paulo Freire (1996), Wallon (1978), Sueli Carneiro (2011), Conceição Evaristo (2008). The students, who attend the EJAÍ room, overcome the difficulties, and the weather of the day-day, thanks to the willingness to acquire the literate knowledge.

KEY WORDS: EJAÍ, Quilombola, teaching-learning.

SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS PALAVRAS	11
2. LUISLINDA VALOIS: É SEMPRE O NEGRO O DELINQUENTE	14
2.1. Contexto histórico 1950-1960	16
2.2. Década de 1990	18
2.3. Contribuição de Freire.....	21
3. SUELI CARNEIRO: A DOR DA COR	25
3.1. Afetividade no quilombo	27
3.2 Afetividade segundo Paulo Freire	31
4. CONCEIÇÃO EVARISTO: VOZES - MULHERES DE LARANJEIRAS.....	33
4.1 Um olhar sobre a comunidade laranjeiras	36
4. 2 Caracterização da pesquisa de campo	37
4.3 Entrevistas	37
4.4 EJAI mulher.....	38
4.5 Conclusão da pesquisa de campo	42
5. APONTAMENTOS FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

A educação escolar é um bem necessário para o desenvolvimento do indivíduo. Desde o início, no Brasil, somente aquelas pessoas de classe privilegiada tiveram acesso ao saber. Esse problema permanece até os dias de hoje. E para tentar sanar tamanho problema, os responsáveis pelas decisões no poder, criaram a Educação de Jovens e Adultos (EJA), com objetivo de atender pessoas que não tiveram acesso à educação ou não puderam estudar em sua série adequada.

A pesquisa intitulada "Pérolas Negras" na EJA é um desdobramento do Projeto de extensão EJA mulher e a ressignificação dos saberes femininos na Comunidade Laranjeiras, município de Aldeias Altas -MA. E tem como objeto de estudo investigar o processo de alfabetização de mulheres afrodescendentes dessa comunidade, utilizando a afetividade como ferramenta para o processo ensino-aprendizagem.

Por serem um grupo fragilizado, estas sofrem, são marcadas racialmente e tem suas vidas modeladas e controladas por vínculos de subordinação. Mulheres que, na sua maioria, são chefes de família, que assumem a responsabilidade pelo sustento dos filhos e do marido desempregado. Tal contexto anula ou retarda o acesso à educação.

É nessa dimensão que destacamos como ponto de partida a Educação de Jovens e Adultos na comunidade quilombola, que terá como subsídio, as práticas pedagógicas que buscam desenvolver cooperação, respeito, afeto, aceitação, visando ainda, preservar identidades culturais e propiciar a troca de experiência e enriquecimento mútuo.

Em decorrência disso, alguns questionamentos foram levantados: Como alfabetizar mulheres, jovens, adultos e idosas, negras e de comunidade quilombola?. Qual a importância da educação na redução das desigualdades étnico-raciais?. Qual o perfil da mulher negra na EJA?. Por quê e para que estudar dentro da comunidade quilombola?

O título sugestivo dessa pesquisa nos remete à lembrança da mulher negra, que tem beleza rara e de grande valor. Mesmo no desconforto da discriminação, da

marginalidade, pobreza e condição inferior a que é submetida, é mulher forte e resistente. As pérolas negras são caras e raras, mais do que as pérolas brancas, as naturais. São assim chamadas, por que são cultivadas por fazendeiros que desenvolvem as ostras em condições perfeitas para a produção de pérolas negras.

Diante das intempéries vividas por essas mulheres, em especial as mulheres negras, mães solteiras, trabalhadoras, donas-de-casa, quebradeiras de coco babaçu, produtoras de azeite, adiaram os estudos por muito tempo em função da criação dos filhos e do sustento do lar. Mulheres estas que desde os tempos remotos contribuem na formação da sociedade, com sua força e suas crenças. Por quê não foram alfabetizadas?

A taxa de analfabetização mais atual no Brasil foi divulgada pelo IBGE em maio de 2018 na última Pesquisa por Amostra de Domicílios (PNAD 2017). O Brasil tem pelo menos 11,5 milhões de pessoas com mais de 15 anos analfabetas (7% de analfabetismo)¹. No mundo, mais de 750 milhões permanecem nessa situação.

O objetivo da pesquisa é investigar o processo de alfabetização das mulheres negras da comunidade quilombola, especificamente, visando não apenas a decodificação das letras, mas a visão de mundo, discutindo sobre a importância da educação na comunidade, bem como conhecer a trajetória e a realidade das alunas. Oportunizando o aprendizado por meio de materiais acessíveis.

Nesta perspectiva, é evidente que o ensino na comunidade tem sua importância, por se tratar de uma comunidade quilombola, onde o índice de Desenvolvimento Humano (IDH), é um dos mais baixos no Maranhão - 0,513 segundo o Programa de Nações Unidas para o desenvolvimento². O problema sócio-econômico, é agravante, a maioria não tem emprego fixo, não dispõe de água potável, muito menos saneamento básico.

O pesquisador deste século possui uma série de ferramentas que podem ajudar nas respostas a respeito dos objetivos a serem alcançados. Com a finalidade de analisar como ocorrem as relações foram desenvolvidas pesquisa bibliográfica,

¹ Fonte: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-no-brasil/>. Acesso 10 de abr. 2019

² Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/aldeias-altas/panorama>. acesso em 10 de abr.2019

fichamentos e pesquisa de campo. Entre os teóricos estão: Paulo Freire (1996), Wallon (1978), Sueli Carneiro (2011), Conceição Evaristo (2008).

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos, conclusão e apêndice. No primeiro capítulo abordamos a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, para maior entendimento tornou-se necessário conhecer estudos realizados. No segundo capítulo abordaremos o contexto histórico da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), com recorte da década de 1950 e 1960, fatos históricos, os anos 1980 e 1990, com os principais acontecimentos. E a resolução 1/2000, Constituição Federal, Lei de Diretrizes e Bases. Terceiro capítulo daremos destaque as contribuições de Paulo Freire, como professor, e autor do método freiriano, vida e obra de Sueli Carneiro, afetividade como ferramenta no processo de aprendizagem, dentro da comunidade quilombola. Quarto capítulo apresenta a história de Conceição Evaristo, biografia e suas contribuições, em seguida teremos a pesquisa de campo que abordará o processo da alfabetização das mulheres de Laranjeiras, tendo o afeto como principal ferramenta no ensino-aprendizagem. E por fim, as considerações finais contando como é alfabetizar mulheres, através das história de mulheres afrodescendentes.

2. LUISLINDA VALOIS: É SEMPRE O NEGRO O DELINQUENTE

Parece que somos iguais, mas só somos iguais na Constituição brasileira e nas constituições estaduais. Contudo, no dia-a-dia, nos cargos e nas oportunidades não somos iguais a ninguém, só somos iguais aos leigos, única e exclusivamente (Luislinda Valois).

Elegemos a história dessa grande mulher para apresentar este capítulo porque, durante as aulas na comunidade quilombola de Laranjeiras, acompanhado por conteúdos didáticos, as alunas não conseguiam participar das aulas, pois para elas, o assunto não era relevante. Assim, planejamos contar histórias de mulheres reais, mulheres estas, que também são negras, idosas e de comunidade quilombola.

A citação acima é de autoria da primeira juíza negra brasileira, que também foi a primeira a decretar uma sentença de racismo. Luislinda Dias Valois Santos, nascida no dia 20 de janeiro de 1942 em Salvador na Bahia, filha de uma lavandeira, e de motoneiro* de bonde e neta de um escravo. Teve sua infância pobre, que após a morte precoce de sua mãe, enfrentou a juventude para cuidar dos seus irmãos³.

Com nove anos de idade, estudou no Colégio Primário Duque de Caxias, no bairro da Liberdade. Durante as aulas o professor solicitou que comprassem material para desenho, irritado por causa do pobre material escolar de Luislinda, disse: “Se não poder comprar é melhor cozinhar feijoada na casa de brancos”, humilhada retrucou: “vou ser juíza e lhe prender. A juíza ainda se emociona, todas as vezes quando relembra.

Quanto à primeira promessa, foi cumprida, em 1984. A baiana tornou-se a primeira juíza negra do Brasil. Passou em 1º lugar em nível nacional. Durante seus estudos na graduação de Direito, ela e mais uma amiga, Lígia Couto, eram as únicas mulheres da turma e que, segunda elas enfrentaram as piores situações de racismo.

³ Fonte: <https://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/2403169/a-primeira-juiza-negra-do-brasil-luislinda-valois-decretou-a-primeira-sentenca>. acesso em 15 de Maio de 2019.

Em 2009, aos 67 anos, lançou seu primeiro livro, *O Negro do século XXI*. Dividido em 18 capítulos, a autora pontua de forma simples e direta o processo histórico causador da desigualdade social e racial em nosso país. A obra evoca para uma reflexão sobre a lentidão da sociedade em relação ao povo negro, apesar de sua contribuição social, econômica e cultural ao longo dos séculos.

Luislinda Dias Santos Valois, nasceu na década em que foi lançada a Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos (1945), com alfabetização em 3 meses, e mais a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses. A primeira iniciativa do Governo federal, foi oferecer dez classes de alfabetização em todo país. Em seguida uma etapa de “ação em profundidade”, voltada à capacitação profissional e ao desenvolvimento comunitário.

Nesse período, não haviam discussões sistematizadas sobre a EJA, pois as experiências anteriores a 1947, tinham sido implementadas pelo exército caracterizada por um forte cunho moralista que entendiam alfabetização como uma espécie de “salvação” de “luz” para aqueles que se encontravam cegos por não saber ler e escrever. (SOARES, 2003, p.1).

Nos primeiros anos sob a direção do professor Lourenço Filho, a Campanha Nacional de Alfabetização conseguiu resultados surpreendentes. Num curto espaço de tempo foram criadas escolas supletivas, mobilizando esforços de diversas esferas administrativas. Porém, na década de 1950, os resultados nas comunidades rurais não foram satisfatórios, eliminando assim, antes do final da década a campanha, sobrevivendo apenas a rede de ensino supletivo por meio dela implantada.

Na década de 1950 eram duas as tendências mais significativas para entendimento da educação de adultos: a tendência libertadora que entendia a educação como conscientização proposta por Freire, e a ⁴Educação Funcional ou educação tecnicista, compreendida como treinamento de mão-obra mais produtiva útil ao projeto de desenvolvimento nacional dependente (GADOTTI, 2010).

⁴ Educação funcional era entendida como um processo global e integrada, de formação técnica e profissional do adulto - em sua fase inicial - feito em função da vida e das necessidades do trabalho, um processo educativo diversificado, que tem por objetivo converter os alfabetizados em elementos conscientes e eficazes na produção e no desenvolvimento em geral.

Segundo Pinto (1982, p.81), “é uma tese errônea e cruel admitir que se deva condenar os adultos à condição perpétua de iletrados e concentrar os recursos da sociedade na alfabetização da criança, mais barata e de maior rendimento futuro”.

A educação, de certa forma, promove um contexto de dominação e opressão dos que detém o poder pelo saber e sujeita os que são iletrados. Com práticas pedagógicas voltadas para saberes aceitos pela classe dominante em detrimento da pessoa humana. Diferentemente daqueles que podem pagar para aprender. Pagar para aprender sempre foi um privilégio da classe elitizada.

2.1. Contexto histórico 1950-1960

Se pensarmos na questão do analfabetismo adulto, podemos afirmar que, no Brasil, a história da EJA remonta ao período colonial, mas, como não se pretende um estudo tão aprofundado, institui um marco temporal na década de 1950. Mediante o declínio da Campanha Nacional de Educação de Adolescentes. A ausência de resultados fez com que o Ministério da Educação convocasse, em 1958, o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, tendo como destaque o educador Paulo Freire.

Conforme o decreto nº 47.251, 17 de novembro de 1959:

Art 1º - Ficam subordinadas ao Departamento Nacional de Educação, do Ministério da Educação e Cultura, como Campanhas extraordinárias de educação, a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, a Campanha de Educação Rural e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo.

Parágrafo único. Os recursos orçamentários destinados a essas campanhas são consignados no Orçamento da República, ao Ministério da Educação e Cultura, respectivamente para os fins de educação de adolescentes e adultos analfabetos, de educação rural e de erradicação de analfabetismo (BRASIL, 1959).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos últimos anos ganhou espaço nas discussões, devido à sua inclusão na rede de ensino, causando muitas vezes a impressão de que a EJA é uma realidade recente, construída à partir dos anos de 1990. No entanto, a história da EJA no Brasil, conseguiu, reconhecimento, mediante uma trajetória que reflete anos de lutas, avanços e retrocessos, descobertas, e, so-

bretudo oposição para consolidar a educação como direito (TAMAROZZI; COSTA, 2009).

A EJA sempre foi tratada de forma secundária, o que dificulta a construção de uma base teórica. Até o final da década de 1950 a educação de adultos, no Brasil, era entendida como extensão da escola formal. Do ponto de vista pedagógico, recebia o mesmo tratamento que se denomina educação tradicional. Em função do caráter superficial do aprendizado que se estabelecia no curto período da alfabetização, a inadaptação do método para a população adulta e para as diferentes regiões do país, e os resultados não foram satisfatórios. O processo da EJA nos faz perceber que a educação sempre foi marcada, por programas e campanhas de erradicação, que na maioria não tiveram êxito (RAUBER, 2014).

Nas organizações políticas, tinha-se como horizonte utópico a Revolução Cubana, que favorecia uma expansão da militância de inspiração Marxista. Nesse período, começam também a se configurar as organizações de trabalhadores rurais, sobretudo no sul do país. Nesse quadro, a presença da Igreja Católica, tinha um peso fundamental, já que a partir do Concílio Vaticano II, em 25 de dezembro de 1961, ele afirmava sua opção preferencial pelos pobres. Com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o reflexo desse concílio se traduzia numa instância de tensão entre grupos conservadores e progressistas.

Em 1967, foi lançado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que funcionou até 1985 e foi um dos mais conhecidos. A metodologia era baseada nos interesses políticos vigentes da época. Tinha como foco o ato de ler e escrever, passou por várias modificações, com mensagens apelativas que representavam uma sociedade perfeita, moderna onde ele seria inserido. O programa findou em 1985 dando lugar a Fundação Educar que apoiava técnica e financeiramente as iniciativas de alfabetização existentes.

Conhecida como a campanha mais rica do país, pois seus recursos provinham da transferência voluntária de 1% do imposto de renda devido por empresas e 24% da renda líquida da Loteria Esportiva. Entretanto, os resultados foram insatisfatórios, seguido de críticas ao programa referente à alfabetização, assim como, seu próprio sentido e objetivo. O Movimento Brasileiro de Alfabetização foi um projeto do

governo brasileiro, criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967 que, provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada a adolescentes e adultos:

Art. 1º Constituem atividades prioritárias permanentes, no Ministério da Educação e Cultura, a alfabetização funcional e, principalmente, a educação continuada de adolescentes e adultos.

Parágrafo único. Essas atividades em sua fase inicial atingirão os objetivos em dois períodos sucessivos de 4 (quatro) anos, o primeiro destinado a adolescentes e adultos analfabetos até 30 (trinta) anos, e o segundo, aos analfabetos de mais de 30 (trinta) anos de idade. Após esses dois períodos, a educação continuada de adultos prosseguirá de maneira constante e sem discriminação etária.

Art. 3º É aprovado o Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada de Adolescentes e Adultos, que esta acompanha, sujeito a reformulações anuais, de acordo com os meios disponíveis e os resultados obtidos (BRASIL, 1967).

Conhecido como Fundação MOBRAL fruto do trabalho realizado por um grupo interministerial, que visava responder aos imperativos da Ditadura Militar, com o objetivo de atendimento de estado autoritário, que propunha princípios iguais e/ou diferentes ao de Paulo Freire. Muitos investimentos foram encaminhados ao Projeto MOBRAL. Em suma, eles convocavam alfabetizadores sem muitas exigências. Para ser professor não era necessário nenhum grau de escolaridade.

Infelizmente diante do contexto atual que se apresenta, é visível a concepção de que a EJA ainda é vista como educação de menor valor e que a mesma necessita de mudanças capazes de garantir a permanência desse público, bem como a continuidade de políticas públicas eficientes contrárias a campanhas e programas emergenciais.

2.2. Década de 1990

Algumas conquistas caracterizaram a década de 1990 tais como: os acordos internacionais e legislação, acarretando muitas mudanças para a EJA.

A Constituição Brasileira de 1988 trata do assunto nos artigos:

Art 3: Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer formas de discriminação.

Art 206: O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: igualdade de condições de acesso e permanência na escola.

Art. 208: o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 1988).

Mediante a Carta Magna de 1988 podemos observar que essa é uma oportunidade oferecida a todos, independentemente da idade, ou por falta da continuidade dos estudos. Pois o alfabetismo tem o poder de promover o progresso social e individual; seu pressuposto é a crença de que alfabetismo tem, necessariamente, consequências positivas, sendo o uso das habilidades e conhecimentos de leitura a escrita necessária para “funcionar” adequadamente na sociedade, participar ativamente dela e realizar-se pessoalmente, o alfabetismo torna-se responsável pelo desenvolvimento cognitivo e econômico, pela mobilidade social, pelo progresso profissional, pela promoção da cidadania (SOARES, 2004).

Depois da Constituição, a Lei Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9394/96, institui a EJA como modalidade da Educação Básica, quando afirmar sua distinção e abre oportunidade para ações diferenciadas para o seu público no texto abaixo:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1996).

Podemos perceber que ao longo de décadas, o Brasil vem lutando para eliminar o analfabetismo, inúmeras campanhas e projetos para erradicação foram feitos, além de grandes investimentos, porém, não alcançaram o objetivo esperado. Pois não é só formar para o trabalho, mas para a cidadania. Entretanto, qualquer programa que tenha como meta a erradicação definitiva do analfabetismo do país, deve privilegiar um elemento que é central para o seu sucesso: a qualificação dos alfabetizadores.

Entende-se por Educação de Jovens e Adultos o processo de alfabetização que se inicia com alunos maiores de 18 anos, que por alguma circunstância, não tiveram acesso ou não finalizaram seus estudos. A EJAI está regulamentada, pela resolução CNE/CEB 01/2000 nº 01, de 05 de julho de 2000, pelo qual declara:

Art. 2º A presente Resolução abrange os processos formativos da Educação de Jovens e Adultos como modalidade da Educação Básica nas etapas dos ensinos fundamental e médio, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em especial dos seus artigos 4º, 5º, 37, 38, e 87 e, no que couber, da Educação Profissional (BRASIL, 2000).

O artigo acima reconhece a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino. Diante de uma educação que fortaleceu a desigualdade social, a EJAI no parecer do Conselho Nacional de Educação (2000) expressa também uma concepção de resgate de uma dívida social de herança colonial antiga.

A diversidade cultural é algo peculiar desta modalidade de ensino, um espaço repleto de histórias de vida, memórias e representações. Fazendo desses estudantes, seres ímpares, jovens e adultos, que por sua vez precisam por "escolas" e outros espaços que entendam as suas particularidades.

A palavra clássica "pedagogia" se aplica a educação de crianças como estabelece a etimologia. De acordo com Jiménez Ortiz, o conceito de Andragogia é um neologismo proposto pela UNESCO em substituição a palavra pedagogia, para designar a ciência da formação dos homens, de maneira que não haja confusão com a educação de crianças, sendo uma educação permanente (CAZAU, 2001 *apud* Florentino, 2007, p.06).

A Andragogia, sendo a arte e a ciência de ajudar adultos a aprender, e a compreender o processo de aprendizagem. À vista disso, a Educação de jovens e

adultos, devem ter propostas que buscam compreender o adulto desde todos os componentes humanos, que proporciona aprendizados e erros e que traz as experiências vividas, vivências marcantes para toda vida.

Diante disso, as práticas pedagógicas escolhidas para alfabetizar as mulheres de Laranjeiras eram histórias reais, narradas por mulheres que como Luislinda Valois, sofrem preconceito diariamente. Mas toda sua trajetória, também foi marcada de conquistas. Em março de 2017, como ministra dos direitos humanos, solicitou ao Supremo Tribunal Federal que todas as gestantes e mãe de filhos pequenos possam converter a prisão provisória para a prisão domiciliar. Essa reivindicação elevou a popularidade da ministra perante os movimentos negros e feministas.

2.3. Contribuição de Freire

Nascido no dia 19 de setembro de 1921 em Recife Pernambuco, Paulo Reglus Neves Freire, filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire, foi educador, pedagogo e filósofo brasileiro. Um dos precursores do EJA (Educação de Jovens e Adultos) no Brasil, foi incansável na luta pelo fim da educação elitista, com objetivo de ensinar por meio da realidade e vivência dos educandos, e desenvolver uma educação democrática e libertadora.

Paulo Freire foi um dos primeiros educadores presos e depois exilados. Foi para o Chile com a família, assim como seu sonho e método (BRANDÃO, 2011). Assim como a Campanha Nacional de Adultos em 1947 não teve êxito, devido o alto investimento e ausência de resultados, principalmente na zona rural, restando apenas o ensino supletivo. De modo igual, sucedeu com Paulo Freire, não pela ausência de resultados, mas por provar por A mais B, que no Brasil, devemos lutar por todas as outras liberdades, inclusive por aquela que se obtém de “aprender a saber”.

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um "fazedor de cultura" e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade (ARANHA, 1996, p. 209).

Paulo Freire acreditava que a educação não podia ser um simples processo mecânico de transmissão de conteúdos. Segundo o autor, o educador precisa considerar que o ato de ensinar exige compreensão de que a mudança é possível. Seu legado é extenso, por toda parte há sinais de sua passagem e, quanto é mais lido e estudado, tanto mais o seu método é difundido e repensado (BRANDÃO, 2011).

Em 1958, foi realizado o II Congresso Nacional de Jovens e Adultos, com a presença de Paulo Freire. Nesse Congresso, foi elaborado um programa de alfabetização, que transpôs para Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, que logo após, foi extinto pelo golpe militar de 1964, depois de um ano de funcionamento. Sua proposta para alfabetização de adultos, inspiram os principais programas de alfabetização e educação popular que deram início no país na década dos anos 60. Engajados numa ação política, junto a grupos populares, esses programas foram realizados por intelectuais, estudantes e católicos

Dos 25 milhões de analfabetos, no Brasil, 15 milhões eram analfabetos o Movimento de Educação Popular iniciou no Nordeste, região mais pobre do Brasil. Com sua experiência em Angicos (RN), Paulo Freire organizou uma nova forma de fazer alfabetização, criticando o modelo tradicional de educação fortemente marcado pela Psicologia do desenvolvimento e pelo Behaviorismo. Devido ao grande resultado, Freire foi cotado para elaborar o Plano Nacional de Alfabetização em meados de 1963. O golpe militar anulou todos os movimentos de cultura popular surgidos no início da década de 1960 e neutralizou as ações até aquele momento (TAMAROZZI; COSTA, 2009, p.17).

O resultado das ações de Freire culminou na alfabetização de 300 trabalhadores em 45 dias. Após isso, com apoio do governo federal, decidiram aplicar o método em todo território nacional num período entre junho de 1963 a março de 1964. O método impressionou profundamente a opinião pública. Foram realizados cursos de formação de coordenadores na maior parte das capitais brasileiras. Antes de completar um ano o governador Carlos Lacerda, apreendeu na gráfica, milhares de exemplares da cartilha do movimento de educação de base: "Viver é lutar".

Paulo Freire elaborou uma proposta de alfabetização de jovens e adultos (EJA) cujo princípio básico pode ser traduzido numa frase sua que ficou conhecida: "a leitura de mundo precede a leitura da palavra" (FREIRE, 1989, p.9). Dispensou a

utilização das cartilhas, desenvolvendo assim, um conjunto de procedimentos pedagógicos que ficou conhecido como “método Paulo Freire”.

Na etapa preparatória, o alfabetizador realiza uma pesquisa sobre a realidade do grupo em que irá atuar. Conseqüentemente, ele terá um levantamento do universo vocabular, isto é, das palavras utilizadas pelo grupo, para manifestar a realidade. Após uma seleção criteriosa das palavras, pelo alfabetizador, palavras estas, que dessem sentido às situações cotidianas, seriam organizados diversos padrões silábicos. Essas palavras, seriam as palavras geradoras, partindo daí o estudo da escrita e leitura e da realidade.

Antes de estudar as palavras geradoras, Paulo Freire propunha ainda um momento inicial em que o conteúdo girava em torno do conceito sobre cultura. Utilizando cartazes ou slides, a discussão era dirigida de forma que, evidenciasse o homem como produtor de cultura, bem como as diferentes formas de cultura: cultura letrada e não letrada, o trabalho, a arte, religião etc.

Durante a monitoria das mulheres quilombolas de Laranjeiras, o que mais nos chamou atenção, após todo o processo da leitura, é a visão de mundo, onde uma de nossas alunas ao escrever o próprio nome, percebeu a importância do mesmo numa sociedade letrada. O método pedagógico, em que o homem se redescobre através da retomada reflexiva do próprio processo em que ele vai se descobrindo constitui método de conscientização (FREIRE, 2013).

O método Paulo Freire conscientiza e politiza. Não tem medo de admitir que a educação, só ela, decidirá os rumos da história, mas tem, contudo, a coragem de afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano. É exigência humana, é um processo que implica várias dimensões, é um dos caminhos para a prática da curiosidade.

É possível encontrar as premissas do pensamento de Paulo Freire nas obras do autor intituladas: Educação como prática da liberdade (FREIRE, 2005), Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2011), assim, como nos artigos Carta aos professores (FREIRE, 2001), A importância do Ato de ler (FREIRE, 2006), entre outros.

Paulo Freire não ensina a repetir palavras, simplesmente coloca o alfabetizando na oportunidade devida, saber e pode dizer a palavra, implica dizer que aprender a ler e escrever vai além da alfabetização. Conforme Freire (1985), a leitura de mundo é fundamental, para a compreensão da importância do ato de ler, de

escrever ou reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente. Essa prática é muito mais que uma educação que prepara é a possibilidade de escolher o próprio caminho.

Na verdade, porém, não é a conscientização que pode levar o povo a “fanatismos destrutivos”. Pelo contrário, a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação. A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto desta crítica, mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico, (nem sempre percebido por muitos do que a realizam) é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão (FREIRE, 2013).

Antes de entrar no estudo das palavras “geradoras”, ele sugere ainda um momento inicial em que o conteúdo do diálogo educativo envolvesse o conceito de cultura. Utilizando uma série de cartazes, o professor deveria dirigir uma discussão na qual fosse sendo comprovado o papel dos homens como produtores da cultura, a cultura letrada e a não letrada.

Depois de cumprida essa etapa, iniciava-se o estudo das palavras geradoras, que também eram apresentadas junto com cartazes contendo imagens referentes às situações existenciais a elas relacionadas. Com cada gravura, desencadeava-se uma discussão em torno do tema, só então a palavra escrita era analisada em suas partes componentes: as sílabas. Por fim, era apresentado um quadro com as famílias silábicas com as quais os alfabetizadores deveriam montar novas palavras.

Como bem nos assegura Freire (1996), pode-se dizer que a ausência da substantividade leva o indivíduo à passividade dos conteúdos e à privação do novo. Neste contexto, fica claro que o ensino deve desafiar o aprendiz, não apenas as palavras precisas, mas as novas ideias. Não é exagero afirmar que é nessa interação que o conhecimento prévio se modifica pela aprendizagem de novos significados.

E foi com esses novos desafios e novas metodologias que pensamos em inserir histórias de mulheres afrodescendentes, para tornar nossas aulas mais significativas. Já exemplificamos Luislinda Valois, a primeira juíza negra do Brasil. E para falar de gênero, elegemos Sueli Carneiro, que traz contribuições do feminismo negro e anti-racismo. Trazendo à tona implicações, que condenam mulheres negras a situação perversa e cruel de exclusão e marginalização social.

3. SUELI CARNEIRO: A DOR DA COR⁵

Sueli Carneiro nasceu em 1950 na zona leste de São Paulo, entre a Lapa, Vila Bonilha e Pirituba. A mais velha de sete irmãos, filha de uma costureira e um ferroviário. Quando era criança seus pais já lhe preparavam para o que haveria de sentir, sobre o racismo. A escola, primeiro espaço que as pessoas negras sentem o racismo de maneira cruel, foi lá que a pequena, começou a entender o que depois veio a postular sobre o racismo brasileiro: “Ele é o mais perverso do mundo”.

Foi vítima ainda bebê, do mal do simioto, desnutrição causada por alergia o leite de vaca. Por causa da doença, a família sempre a considerou frágil, como uma criança que precisava de cuidados extras. Sueli se dedicou aos estudos e ao trabalho sob a influência da mãe, Eva, que abandonou a profissão fazendo trabalhos esporádicos a pedido do marido.

Era muito importante para sua mãe, que suas filhas não vivessem a mesma dependência do marido e do casamento. Do pai, Sueli herdou os valores, homem justo e correto. "Sua mãe dizia ter consciência de que eram pretos e, da porta para fora, ela tinha de saber se defender quando fosse necessário".

Em 1988 foi convidada a integrar o Conselho Nacional da Condição Feminina, em Brasília, diante das denúncias de um grupo de cantores de rap da cidade de São Paulo, que queriam proteção porque eram vítimas frequentes de agressão policial. Ela criou em 1992 um plano específico para a juventude negra, o Projeto Rappers, onde os jovens são agentes de denúncia e também multiplicadores da consciência de cidadania dos demais jovens.

É autora de vários artigos sobre gênero, raça e direitos humanos em publicações nacionais e internacionais, em 2010, numa audiência pública que o Supremo Tribunal Federal realizou, Sueli abraçou as cotas raciais nas universidades brasileiras, defendendo sua constitucionalidade. Uma de suas contribuições mais expressivas, está na Fundação Geledés - Instituto da Mulher Negra criado em 1988.

A instituição Geledés, oferece assistência legal gratuita à vítimas de discriminação racial em São Paulo, promove campanhas de proteção da imagem dos ne-

⁵ Para um melhor aprofundamento indico como leitura, o texto aqui citado, encontra-se nas referências.

gros nos meios de comunicação e funciona como centro de informações sobre o tema.

Dentre os motivos que levaram Sueli a fundar o Geledés está a injustiça, motivo pela qual mulheres negras são submetidas. Em dupla opressão: raça e gênero. Mediante a injustiça e a indignação, sua vida foi marcada pelo desejo de mudar essa realidade, em que a história de vencedores é sempre contada por homens brancos.

A filósofa é autora da obra *“Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”* que traz uma aproximação crítica dos comportamentos humanos e apresenta os principais avanços na superação das desigualdades raciais. Em 1990, pela primeira vez no país, o sistema unificado de Saúde, SUS, do município de São Paulo passou a registrar o quesito “cor” nas fichas de entrada do paciente.

Sueli sente orgulho em saber que a Fundação Geledés inspirou a organização de mulheres no país inteiro. Com atuação ferrenha, descreve em “Enegrecer o Feminismo”, um dos textos de Escritos de Uma Vida, ganhador de prêmios que estampa as paredes do instituto Geledés. Ajudamos a aprovar a criminalização do racismo, na Constituição de 1988 e criamos assessoria jurídica SOS contra o racismo.

Sueli mãe de Luana, fala sobre o dia em que o pai foi registrá-la. O pai branco, levou a filha ao cartório, preencheu o registro, e no campo destinado à cor, observou que o escrivão escreveu “branca”. Para corrigi-la, o pai explicou que a mãe de Luana era negra, pedindo desculpas o escrivão e corrigindo escreveu: “parda”. Insistindo o pai disse: a menina é branca, o escrivão retrucou: “mas ela não puxou nem um pouquinho ao senhor?”.

Esse episódio deixa entender que é melhor ser branco, onde o sistema faz o possível para embranquecer os negros, dificultando seu processo de autodeclaração dificultando a identidade do negro de pele clara. No seu livro *“Racismo contemporâneo”*, apresenta uma campanha em Salvador com o tema: “Não deixe sua cor passar em branco”, cujo objetivo era sensibilizar os negros e seus descendentes para a maneira como se processa historicamente a manipulação da identidade etnoracial dos negros brasileiros e para importância da assunção da identidade que sempre foi negada.

Os censos brasileiros historicamente apresentam uma estranha dificuldades quanto à identificação da população: mostram alterações nos critérios de classificação da cor ou raça que dificultam a comparabilidade ou compatibilização dos dados de um recenseamento para o outro, como aconteceu nos censos de 1950, 1960 e 1980 (CARNEIRO, 2011 p.68).

Sueli Carneiro é uma mulher discreta, militante antirracista, não gosta de aparecer na mídia e concede poucas entrevistas. Segunda a autora, seu pensamento formulado, já está escrito, diz estar insegura de não saber se sua geração ainda tem como contribuir. Sueli passou de uma criança negra, que precisava entender porque a sociedade era dividida em cores e oportunidades, para uma mulher negra, consciente e politizada.

“Não considero minha vida “pessoal interessante e criativa” se sente confortável em falar quando o assunto é ativismo. A obra “Escritos de Uma Vida” que inaugura o selo de Sueli Carneiro, criado por Djamila, é a primeira a reunir artigos escritos pela mais importante feminista negra do país.

A citação acima é da própria Sueli Carneiro, que prefere usar seus textos em detrimento de sua imagem. Sempre que é cotada para entrevistas, suas colocações se voltam para o efervescente protagonismo das mulheres negras no Brasil.

Assim, percebemos que ao estudarem sobre a ascensão das mulheres negras no Brasil, as alunas de Laranjeiras, sentiram-se à vontade para falar delas mesmas. E mediante todo esforço para contar sobre suas vidas, só conseguimos isso, por meio da ferramenta que é necessária para tal diálogo. O afeto.

3.1. Afetividade no quilombo

A Pedagogia do afeto pode indicar possível direção, que consideramos essenciais para levar em conta quando se pretende que, o ensino-aprendizagem seja mais produtivo e satisfatório, tanto para o professor como para o aluno. Para isso, o papel da afetividade é fundamental, seja, no ambiente, na fala ou na maneira de explicar os conteúdos.

Durante a monitoria sobre a educação de mulheres afrodescendentes, percebemos durante as aulas que, mesmo com dúvida, as alunas não conseguiam se expressar. Então comecei a refletir sobre minha prática pedagógica. Pois ensinar exige comprometimento. A maneira como o aluno me percebe, não como estou dando aula, mas de como o aluno entende como atuo. Bem como, estar atenta à leitura que fazem da minha atividade. (FREIRE, 1996, pp 41-42.)

Neste momento, inferi sobre a importância da afetividade no processo escolar. E para o professor da EJA, é necessário enxergar o aluno em sua totalidade e concretude. Nisso consiste nosso grande desafio no papel da docência. Pois a não satisfação das necessidades afetivas, cognitivas e motoras prejudica a ambos e isso afeta diretamente o processo ensino-aprendizagem (ALMEIDA, 2005 pp.11-30).

Destaco outro caso na comunidade Laranjeiras, temos uma aluna que já havia passado por vários programas de educação, para aprender a ler e escrever. No seu trabalho, segundo ela, sentia vergonha por conduzir alunos às escolas, mas ela mesma não era alfabetizada. Por curiosidade perguntei: *“E o que a fez permanecer no Projeto EJAÍ Mulher?”* Respondeu ela: *“A maneira como vocês dão as aulas, conversando com a gente, explicando com paciência e sem grosserias”*. Assim, vemos a importância das primeiras palavras ditas, pelo professor à sua nova turma, pois estas, deixam impressões que podem ser responsáveis pela feição da imagem daquele docente.

Uma das justificativas que Henri Wallon escolheu para estudar afetividade no processo ensino-aprendizagem é que, dá elementos de estudo para compreender o aluno e o professor e a interação entre eles. Ainda que não sendo pedagogo toda a sua obra está imbuída de subsídios que possibilita uma proposta de educação, Snyders afirmou que:

Se chamamos pedagogia que encontramos em Comenius, em Rousseau ou em Makarenko, isto é, uma teoria geral unida aos meios preciosos e minuciosos para praticá-la, segundo as circunstâncias, as idades e as diferentes disciplinas, não estou seguro de que o que encontramos em Wallon EJA pedagogia. (...) o que aprecio nele é o que gostaria de evocar hoje: Wallon me parece o homem que mostra que uma pedagogia progressista pode existir que nos garante sua existência e que nos explica em que circunstâncias e a que preço (Snyders, 1979, pp.99-100)

Na citação acima, Snyders menciona que em Comenius deparamos que, "é possível ensinar tudo a todos. Em Makarenko constatamos que a aprendizagem pode ocorrer de forma coletiva, e em Rosseau, a educação é mais do que instruir é formar o sujeito no aspecto moral e político. No entanto, ao fazer referência a Wallon, diz encontrar o homem que apresenta uma pedagogia progressista, isto é, que é possível ensinar em meio às circunstâncias, partindo da análise crítica da realidade.

Na comunidade quilombola Laranjeiras, como campo de pesquisa, observei um silêncio por parte das alunas que frequentavam o projeto EJA Mulher. Num período de dois meses de monitoria percebemos que, a ausência das vozes seria o que Paulo Freire chama de "medo da liberdade". Em respeito a isso, preferi esperar o momento certo para ouvi-las, ciente de que o papel principal não era aculturar.

Aguardamos o tempo determinado para ouvir as vozes mulheres de Laranjeiras, só então entendi a importância da afetividade, pois educar é um ato de afeto, é se doar, é fundamentar as relações humanas, baseadas em atitudes altruístas (ANDRADE, 2014 p. 40).

O afeto, para ser transmitido, precisa ser algo sentido e vivido diariamente. É ouvir, celebrar, é vibrar as conquistas. É usar alegria e afeto nas palavras que expressar. É comunicar de maneira positiva, utilizando expressões que farão o aluno sentir que é importante e que pode evoluir ainda mais, crescer como pessoa e estudante, pois caso contrário, o aluno irá perceber, e poderá resultar em frustrações e desinteresses (*Ibid*, p.52-70).

A afetividade como ferramenta didático-pedagógico, na atividade mediadora do docente, influencia positivamente a aprendizagem do aluno. Para Wallom (1968) a afetividade é um dos principais componentes do desenvolvimento humano, envolve uma série de manifestações e é responsável pela formação de um indivíduo feliz, seguro, engajado, uma vez que, é como um combustível que dá motivação para o ser humano.

Esse sentimento é expressado na maneira como as alunas de Laranjeiras se preparavam para assistir as aulas, todos os sábados das 8:00h às 12:00h. A chegada era receptividade e alegria, mesmo sabendo que teriam uma manhã intensa de atividades. Sem falar as comemorações, que eram preparadas com lanches típicos da comunidade, assim, éramos surpreendidas com festas e mimos produzidas por elas.

A Pedagogia da afetividade é descomplicado, não exige sacrifício. Precisamos atentar para as coisas simples do cotidiano das alunas e valorizá-las. É deixar as alunas falarem de si, colocando para fora seus anseios, contando suas experiências. Apenas ouvindo, enriquecemos nossa aprendizagem como docentes, levando para o resto da vida, conhecimentos tão ricos, conscientes de que é possível ensinar, basta ter afeto (ANDRADE, 2014).

Educar é isso, levar a realidade da vida para a sala de aula e mostrar como ela pode ser transformada para melhor e que pode ser vivida sem tantos sofrimentos, mas com esperança e alegria. E, falando em realidade, podemos afirmar que, o ser humano não precisa de muito para ser feliz, pois durante o período de monitoria do projeto, observamos que não apenas as alunas, mas a comunidade, sofriam privações a respeito de muitas coisas, menos a ausência da alegria e da esperança.

Lecionar com afeto é dar oportunidades a todos os alunos, sem exceções, escutá-los em seus apelos e opiniões. Diante disso, é importante que no início das aulas, as primeiras palavras ditas pela professora, devem ser proferidas com cuidado, pois podem deixar boas ou más impressões, tornando as conversas mais próximas ou distantes. Falar com afeto é dar sentido às formas de propor atividades e a realização das mesmas (ANDRADE, 2014 p.67).

Um dos princípios que orienta a prática da educação em Direitos Humanos é o princípio da coerência. Segundo Magdenzo (2005), deve haver harmonia entre o que se diz e o que se faz. Pois, é contraditório que o educador afirme que é necessário respeitar, porém ao enfrentar situações de conflito, utiliza meios autoritários sem dar a chance dos envolvidos se manifestarem.

Se o aluno não escreve bem, não consegue organizar as anotações no caderno, quase não lê, devemos corrigir de maneira positiva, pronunciando palavras construtivas, detentores de um poder afetuoso, que soa como música para os ouvidos e alcança a alma servindo de alimento para que novas forças apareçam a cada dia e a luta pelo crescimento intelectual não seja abandonada (*Ibid*, p.61)

É nesse momento que a afetividade vem com o compromisso. Foi durante os sábados em que lecionamos na comunidade Laranjeiras, com planejamento prévio. Durante a semana, fazíamos uma reflexão sobre a prática, com atividades escolhidas com critério e muito cuidado. Trazíamos das aulas as palavras "grávida de

mundo”, metodologia freiriana, e sempre buscávamos temas voltados para o público feminino e afrodescendente.

Freire (2016) afirma que as pessoas responsáveis pela educação deveriam estar inteiramente molhadas pelas águas culturais do momento e do espaço onde atuam. Não há esperança alguma em ensinar, sem estar envolvido de corpo e alma, sem aprofundar na cultura, nas histórias de vida. Pois como afirma Andrade (2014): “antes de querer uma mudança educativa, é preciso vivê-la. E é por meio da pedagogia da afetividade que encontramos essa perspectiva.

A comunicação também é ferramenta relevante no processo ensino - aprendizagem, comunicar para o bem é dizer: Eu acredito em você! Você pode fazer melhor! Anime-se! Como é bom vê-la participando da aula! Você é criativa! Mostre todo o seu potencial! Parabéns! Gostei de vê-la colaborando com a aula! São frases de grande motivação, que o farão continuar e não parar no meio do caminho. (ANDRADE, 2014 p.52).

A pedagogia do afeto sugere o diálogo e as formas corretas de correção. Quando há um professor que vive descontando nas suas turmas as frustrações com o salário que recebeu sempre oferecendo palavras duras, bravas e agressivas aos alunos - não receberá deles nenhum esforço para tornar a aula melhor, será sempre visto com antipatia e terá mais dificuldade para realizar o seu trabalho (ANDRADE, 2014, p.28).

Pode-se dizer que atividades significativas são relevantes, por se tratar de um público que trabalha durante o dia e estuda à noite. Conforme explicado acima, o ensino deve ser dinâmico associado ao conhecimento prévio dos alunos e metodologias inovadoras que estimulem os alunos a permanecerem. O mais preocupante, contudo, é que mesmo diante de tudo isso, a questão da afetividade é primordial para o bom relacionamento entre ambos, pois propicia harmonia, confiança e segurança, fatores estes, que favorecem o ensino-aprendizagem.

3.2 Afetividade segundo Paulo Freire

Após anunciar as "primeiras palavras" dos "saberes necessários a prática educativa" no ano de 1996, ressalta que formar é muito mais que simplesmente treinar o educando no desempenho de suas destrezas. Com exigência firme na ética do

trabalho docente, Freire chama-nos atenção para o fato de esta obra estar cheia de afetividade nas suas extensões no cuidado, amor, amizade, empatia, amorosidade etc.

É um de seus princípios, quando ressalta: “Não há docência sem discência”, pois ensinar é criar possibilidades da produção do conhecimento ou da sua construção. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996). Todos os princípios apresentados exigem do professor um gesto afetivo como prática pedagógica.

Educar exige respeito aos saberes dos educandos. Respeito é uma dimensão do afeto. É valorizar e qualificar a experiência dos educandos e aproveitar para discutir os problemas sociais e ecológicos, a realidade concreta a que se deva associar a disciplina, estudar as implicações sociais nefastas do descaso dos mandatos, a ética de classe embutida nesse descaso (*Ibid*).

Comprometer-se é uma atitude afetiva e compromisso é coisa assumida com liberdade e não como obrigação. Pois ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer tipo/forma de discriminação. A rejeição decidida a qualquer discriminação é outra explicitação da ética e do amor em Paulo Freire. Ensinar é isso, exige bom senso, conscientização, conhecimento, curiosidade, respeito ao educando.

As primeiras aulas foram muito desafiadoras, pois as alunas não falavam, e mesmo levando metodologias diferentes, constatamos que, como havíamos chegado recentemente, ainda não era o momento de ouvi-las. E foi nesse período que encontramos Conceição Evaristo e o texto: *Vozes - Mulheres*.

4. CONCEIÇÃO EVARISTO: VOZES – MULHERES DE LARANJEIRAS

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nasceu em Belo Horizonte, em 1946. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou em concurso público para o magistério. Complementando sua formação, cursou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Conceição enfatiza que foi em um ambiente escolar que descobriu com intensidade a condição de negra e pobre. O prédio escolar tinha dois andares na parte superior ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam de série. Passou o curso primário quase todo, desejando ser aluna de uma das salas do andar superior.

Enquanto isso, ficavam ela e os irmãos e todos os alunos pobres nas classes do porão do prédio, "porões dos navios", mas ao ser muito bem aprovada da terceira para a quarta série foi colocada no andar superior. Para desgosto de alguns professores. Sendo menina, questionadora, teimosa em apresentar-se em eventos escolares, concursos de leitura e redação, tudo sem ser convidada, incomodava muito. Diante desse comentário "porões do prédio" a autora lembra sobre o texto escrito por ela: Vozes mulheres.

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. ecoou lamentos de uma infância perdida". [...]. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância O eco da vida-liberdade. (Poemas de recordação e outros movimentos, 2008, p. 10-11).

Quando terminou o primário, no ano de 1958, ganhou seu primeiro prêmio na literatura, vencendo um concurso de redação que tinha o seguinte tema: Por que me orgulho de ser brasileira". Durante toda infância morou num quartinho com seu tio, Osvaldo Catarino Evaristo. Ao longo de sua vida, desenvolveu na poesia, no desenho e nas artes plásticas. Para ela, seu tio sempre foi um consciente questionador da situação do negro no Brasil. Sendo ele inspiração para suas primeiras lições de negritude

Com ajuda de amigos, imigrou para o Rio de Janeiro, antigo estado da Guanabara, em 1973, depois de ter feito concurso naquele mesmo ano, para professoras primárias, período muito difícil para ela e para outras famílias, que sofriam em decorrência de um plano de desfavelamento, que os enviava para a periferia da cidade. Com o diploma de magistério nas mãos partiu para o Rio de Janeiro na esperança de ser indicada por alguém.

Na década de 1980, Conceição teve seu primeiro contato com o grupo Quilombolahoje, coletivo cultural responsável pela publicação da série Cadernos Negros.

Foi por meio desses cadernos que Conceição estreou na literatura. Autora de obras produzidas no exterior, a escritora leciona como professora visitante na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É mestre em Literatura Brasileira pela PUC - Rio de Janeiro, doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Conceição Evaristo é escritora desde menina, e somente aos 44 anos viu suas histórias publicadas pela primeira vez no ano de 1990, na coletânea Cadernos negros. A primeira edição individual veio em 1993. Nos seus escritos ela gosta de repetir que publicar é um ato político, é uma maneira de destruir o imaginário brasileiro. Imaginário onde a mulher negra ocupa papéis distante da escrita. Para a autora, escrever e publicar são atos de rebeldia que nos coloca em outro lugar.

Sua relação com a literatura começou nos fundos das cozinhas alheias. Sua mãe, tias e primas, trabalharam em casa de grandes escritores mineiros ou na casa de seus familiares. À medida em que ia crescendo, ganhava competência na leitura, passando a ler para todos.

Escritora mineira de 71 anos concorreu a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e coleciona obras de grande importância, inclusive com publicações no exterior. Vinda de família pobre que vivia na zona sul da capital mineira, a autora conseguiu concluir seus estudos no curso normal aos 25 anos, conciliando a vida acadêmica e com o trabalho como doméstica.

Ganhadora do prêmio Jabuti, Conceição ficou em 3º lugar na categoria, “*Contos e Crônicas*”, com “*Olho D’água*” em 2015, 25 anos depois da publicação de seu livro. Homenagem tardia para uma carreira que por conta do preconceito, iniciou com atraso. As obras de sua autoria são: “*Olho D’água*”, “*Insubmissas lágrimas de mulheres*”, “*Poemas de recordação e outros movimentos*”, “*Ponciá Vicêncio*”, “*Becos da memória*”, “*Histórias de leves enganos e parecenças*”, “*Canção para ninar menino grande*”. Com uma narrativa não linear marcada por seguidos cortes temporais, em que passado e presente se imbricam.

A autora destaca que não nasceu rodeada de livros, porém, aprendeu a colher palavras. Sua casa era vazia de bens materiais, mas habitada por palavras. Di-

ante disso percebemos que a poesia já a visitava. Como vemos nesse poema onde, segundo ela, a escrita e o viver se confundem:

O olho do sol batia sobre as roupas do varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia... "Poemas da recordação e outros movimentos" Conceição Evaristo (2008).

Em 2011, Conceição Evaristo lançou o volume de contos *Insubmissas Águas de mulheres*, em que trabalha o universo das relações de gênero num contexto social, marcado pelo racismo e sexismo. A obra antes citada *Beco da Memória*, ganha nova edição em 2013, pela editora mulheres de Florianópolis. No ano seguinte, lança *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria "Contos e crônicas".

Já em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*. No ano seguinte, o Itaú Cultural de São Paulo realizou a Ocupação Conceição Evaristo contemplando aspectos da vida e da literatura da escritora. Durante a exposição, foram produzidas as *Cartas Negras*, retomando um projeto de troca de correspondências entre escritoras negras. E em 2018 a autora recebe o prêmio de literatura do governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra.

Sua principal luta, está no reconhecimento da mulher negra como legítima produtora de saber e conhecimento. Por isso, "bate na teta" do baixo número de representantes negras em listas de prêmios e nos catálogos das grandes editoras. Mas segue em frente, acreditando que, escrever e contar histórias é a melhor maneira de enfrentar o preconceito.

Em entrevista ao correio braziliense, Conceição expôs que na sociedade há um reflexo sobre o imaginário em relação às mulheres negras, que é um imaginário que, normalmente, não nos coloca como sujeitos de determinada arte. Pois a literatura, até hoje, está nas mãos de homens brancos. E para a escritora, é preciso quebrar esse imaginário que coloca as mulheres negras no lugar de subalternidade.

Conforme Spivak (1988) Subalternidade - Palavra clássica para o oprimido, mas como representação aos que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalizante e excludente. Em conformidade com Freire, o ponto de partida de sua reflexão é a realidade social opressora. "*A visão de mundo que reforça o*

valor do sonho e a utopia numa perspectiva histórica como possibilidade é coerente com a forma de pensar a educação como um caminho para a emancipação dos oprimidos" (FREIRE, 2010, p.18).

A escritora Conceição Evaristo, conta no texto "*Vozes mulheres*", tema sugestivo para esse capítulo, a narrativa da vida de mulheres negras desde sua bisavó, trazendo consigo o sofrimento de quem vivenciou momentos de rejeição, humilhação, tristeza, lágrimas, lembradas sempre, como aquelas que não podem falar. E foi pensando em o que Paulo Freire chama de "Educação como prática da liberdade" que levamos essa discussão para a sala de aula em Laranjeiras.

Planejamos um mês inteiro só para falarmos sobre a ascensão de mulheres negras na sociedade. Mulheres na ciência, na política, na literatura, e outros contextos. Foram dias marcantes para nós como monitoras e para as mulheres de Laranjeiras. E durante essa experiência constatamos que a autovalorização, autoconceito, autoestima deveriam ser trabalhados. E que essas histórias pudessem inspirá-las para serem o que quisessem

Diante disso, podemos afirmar que as mulheres da comunidade de Laranjeiras saíram dos "porões do navio", lugar que lembra opressão, angústia, humilhação, sofrimento, lágrimas. E não mais oprimidas, subalternas, no escuro, caladas.

4.1 Um olhar sobre a comunidade laranjeiras

Ao longo do processo educacional a didática e a prática de ensino são colocadas em xeque. Muitas dessas prática são estritamente tradicionais e podem não contemplar uma aprendizagem para a autonomia e crítica. Outro fator bastante discutido é a relação da teoria e prática. Segundo Candau (2013), esta deve ser vista de maneira unificada, caminhando lado a lado, uma sempre buscando compreender a outra.

Nossas práticas pedagógicas foram baseadas nas metodologias freirianas, com palavras grávidas de mundo, trazidas durante as aulas de Laranjeiras. O que possibilitou uma linguagem acessível, pois, todas as ferramentas apresentadas durante o projeto, seguia o plano elaborado semanalmente, isto é, teoria e prática juntos.

4.2 Caracterização da pesquisa de campo

Nosso trabalho desenvolvido antes da pesquisa, aconteceram num período entre março e setembro de 2019. O projeto EJAÍ mulher e a ressignificação dos saberes femininos, foi patrocinada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Foram aulas baseadas nas metodologias de Paulo Freire, utilizando materiais acessíveis. Totalizando uma carga horária de quinhentas e setenta e seis horas.

A pesquisa de campo foi realizada na Comunidade Quilombola Laranjeiras situada no município de Aldeias-Altas/MA à 78 km do município de Codó - MA. Trata-se de um estudo qualitativa/descritiva. A coleta de dados foi realizada dia 29 de maio de 2019, por meio da pesquisa de campo, com entrevistas não diretivas, seguindo um roteiro de perguntas já elaboradas previamente e com entrevistas gravados no celular, para depois serem transcritas.

A entrevista semiestruturada foi executada pelas monitoras do projeto, após, será exposta por meio de texto descritivo e para não revelar os nomes, serão utilizados nomes de pedras preciosas. São elas: Coral, Esmeralda, Cristal, Turquesa, Celestina, Jade, Cristal, Turmalina, Pérola e Topázio.

Os sujeitos da pesquisa foram as ex-alunas do projeto EJAÍ Mulher, a professora Doralice Gonçalves Lima, e a presidente da comunidade, dentre as quais foram entrevistadas em forma de roda de conversa das 10:00h às 14:00h, na escola local.

4.3 Entrevistas

O local da entrevista era a escola Municipal Gonçalves Dias, inaugurada em junho de 2018, no projeto de governo da “Escola Digna”, localizada na comunidade Laranjeiras. A escola dispõe de duas salas de aulas, dois banheiros, uma cozinha e área central para o recreio. O quadro de funcionários dispõe duas professoras, uma auxiliar, três que atuam nos serviços gerais e um vigia.

Nesse ínterim, aguardávamos as alunas chegarem, ficamos observando o ambiente. A aula finalizou antes da hora prevista, (por conta de não ter lanche para

os alunos). Como o ônibus é que vem buscar os alunos, a professora tem que esperar até às 11:00h.

4.4 EJAII mulher

Na sequência, convidamos para uma entrevista a professora Doralice Gonçalves Lima, formada em pedagogia, tem 39 anos e trabalha há três anos na escola da comunidade Laranjeiras. No seu depoimento, disse ter vindo a comunidade mediante aprovação do seletivo, que segundo ela, a secretaria só contrata para trabalhar, quem já concluiu ou está concluindo o curso de licenciatura em pedagogia.

A professora Doralice tem quatro turmas, e ensina do 2º ao 5º ano, trabalha com turma multiseriada, uma de suas maiores dificuldades. Tem como objetivo alfabetizar a todos. Agradece por ter uma auxiliar que ajuda muito, e por estar cursando pedagogia. E disse ainda, que vai fazer uma especialização em Aldeias, pois em Caxias fica inviável, por causa da semana toda de aula em Laranjeiras, no sábado passa em casa com os pais e no domingo tem que voltar, pois na segunda-feira começa tudo de novo.

No momento da entrevista uma das monitoras do projeto perguntou à professora: Na comunidade, tem modalidade EJAII? Segundo ela, mandaram formar umas turmas com 25 alunos, mas esse número é inviável, pois matriculados tem muitos, mas são poucos que assistem as aulas.

Não! Não tem por que os alunos daqui, faz parte lá do jatobá. Esse ano que não está vindo pegar para levar às aulas, até o ano passado vinha, esse ano, não sei se esse ano está pegando". Perguntamos: por que? Falta de interesse dos próprios alunos. (**profª Doralice**)

No ano de 2018 o projeto "Sim! Eu posso" seguiu entre abril a dezembro na comunidade, mas por causa da baixa frequência, três alunos, o projeto foi encerrado. A falta de interesse dos próprios alunos faz com que os programas de alfabetização, tenham resultados negativos, em decorrência da evasão escolar.

A primeira entrevista com as ex-alunas do projeto foi executada pela monitora Milena, ocorrendo da seguinte forma: quem participou do projeto "Sim! Eu posso". Como eram as aulas dentro do projeto? Comparando com o projeto EJAII Mulher, houve diferença na forma de aprender? "*No ano passado, eu não participei, fui em 2017*" (*Cristal*).

Diante do depoimento da Cristal, que foi coordenadora do projeto "Sim! Eu Posso", as aulas já vinham preparadas, os alunos recebiam um pen-drive, que após assistirem as aulas na televisão, tinham que explicar sobre o que viram. O projeto era dividido em duas etapas, as aulas eram de segunda a quinta, com folga na sexta. Com 10 alunos, o programa seguiu de abril a dezembro. Segundo a coordenadora do projeto, as aulas do projeto EJAII Mulher eram melhores.

As perguntas elaboradas na entrevista foram: A relação professora - aluno interfere no processo ensino-aprendizagem? Depois do projeto EJAII Mulher, o que mudou na vida de vocês? Por que é importante estudar na comunidade? Ao serem questionadas, as entrevistadas ofereceram os seguintes relatos:

(Coral) Nada! Respondeu Coral, não adianta nem ir para a escola, se eu ir para a aula não for com a cara da professora, eu caio fora!.

(Cristal) "Se o aluno não for com a cara da professora, como é que vai aprender. (Cristal).

Durante as respostas da aluna Coral, outro fator chamou atenção, foi que, na comunidade quilombola, a campanha: Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) , passou por lá, segundo ela, disse não ter gostado da professora e foi para casa.

(Coral) "Uma vez aqui, inventaram um negócio dum MOBRAL e me botaram lá [...] e a professora estava com saliência, fui embora, depois não voltei mais para a aula".

Diante do depoimento da aluna, vimos a importância do relacionamento professor- aluno, pois o professor deve reunir condições para criar um ambiente mais alegre, dinamizar, para que o aprendizado seja significativo. Segundo Paulo Freire (1996, p.38) a tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de interagir, desafiar o educando com quem se comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado.

Depois do projeto EJAII mulher, o que mudou na vida de vocês? Foi a pergunta seguinte.

(Esmeralda) "Para mim foi bom, já sei botar meu nome, não é bonzão, já é alguma coisa. Antigamente eu dizia assim: eu não sei botar meu nome, agora já sei, quero aprender a ler um pouco".

(Coral) “A gente se desenvolveu mais, que a gente não colocava o nome da gente”.

(Turmalina) “Eu tenho dificuldade demais para escrever, não colocava ponto no lugar de ponto, vírgula no lugar de vírgula, mas aí depois que comecei a estudar com vocês melhorou foi muito. Desenvolvi até assim na frente, fui lendo na frente, já explicou alguma coisa que a professora pede, desenvolvi pouco, mas desenvolvi.

Quando chegamos à comunidade Laranjeiras, para iniciar o projeto, lembro do silêncio de nossas alunas, durante as aulas, quase não falavam, nem mesmo quando eram questionadas. E diante das respostas das alunas, posso afirmar que houve um grande progresso, pois, a pedagogia do afeto sugere o diálogo e as formas justas de correção (ANDRADE, 2014, p.66).

Outro problema que percebemos, é que Aldeias Altas fica distante da comunidade, os professores que dão aulas para o 2º ao 5º ano, passa a semana inteira nos povoados próximo de Laranjeiras. Assim, perguntamos a elas sobre qual a importância de estudar dentro da comunidade quilombola?

(Esmeralda) Fica perto da escola. [...] quem tem muito menino, não tem com quem deixar. Tem muita gente que fica no Jatobá, fica longe para vim. Eu moro só, para vim á noite fica perigoso.

Antes de finalizarmos a entrevista com as ex-alunas do projeto EJAI mulher, a monitora elaborou as seguintes perguntas: Você estudou quando criança? Qual o seu sonho depois do projeto? Como você se sente?

(Coral) Não estudei. E por não se dar bem com a professora deixei de estudar. Comecei a trabalhar com 10 anos de idade, e aprendi fazer cofo, esteira, só olhando meu pai” . [...] escrever, ler e aprender outras coisas. Estou satisfeita com Deus, comigo e com vocês. [...]. Muito bem!.

Diante do depoimento da aluna Coral, percebemos o papel relevante que o professor executa na vida de seus alunos, o relacionamento entre professor e aluno é fundamental e tem papel relevante quanto o futuro dos alunos. Não é possível a educação problematizadora romper com as práticas da educação bancário, sem superar a contradição entre educando-educador, fazendo-o fora do diálogo (FREIRE, 2013).

Na entrevista com a ex-aluna do projeto EJAI Mulher, e presidente da comunidade, Jade, conta que Laranjeiras surgiu numa aldeia indígena, que após abandonarem o lugar, vieram uns escravos refugiados viver na localidade. A dona da região era filha de uma escrava, seu nome Isaura Fonseca, a qual estar registrada no cartório de Aldeias Altas. Dentre os moradores mais velhos da comunidade estão: Dona Romana, mãe da Celestina, Sr. Durval sogro de uma ex-aluna, e a senhora Maria Santana e Gabriel. Os pais da Jade, os avós e os bisavós, todos são de Laranjeiras

Neta de Pucina de Oliveira e João Pereira, Jade se emociona ao falar do lugar onde nasceu. Laranjeiras está registrada no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), porém, a comunidade não está reconhecida pela Fundação Palmares - órgão responsável pelo reconhecimento de comunidades quilombolas no Brasil. No Maranhão somam-se 700 (setecentas) comunidades, mas nem todas estão legalizadas.

Dando prosseguimento à entrevista e perguntamos: **Como que é o dia numa comunidade quilombola?**

(pérola) Logo cedo, preparo as crianças para a escola, em seguida vou para o mato quebrar coco, deixo almoço pronto. Crio galinha, porco, tenho vários [...] pois quem mora no interior tem suas vantagens.

Em seguida, continuamos com as perguntas sobre crenças: **Por que não pode quebrar coco na lua nova?**

O azeite é que não pode extrair na lua nova, porque não dar azeite, só dar borra. Na hora de pisar ele não mina o suficiente e no cozimento ele mistura. Tem que esperar lua nova passar.

Entre 5 e 6 anos, Jade aprendeu a quebrar coco só observando a mãe, enquanto ela executava a quebra da amêndoa, ficava olhando para fazer o mesmo. No começo recebia só o caroço com pouca casca para pegar prática. Dentre as crenças contada por ela, o “cabeça ruim” é a mais curiosa. Enquanto se prepara o azeite o cabeça ruim não pode aparecer, pois o azeite não rende. Mesmo distante, o cabeça ruim não pode chamar o nome de quem prepara o azeite, pois caso aconteça o azeite some da panela. O processo do azeite, segundo jade, leva 1h à 1:30h, entre pisar, cozinhar, esfriar e colocar na garrafa de 1 litro. Sua produção é para o próprio consumo.

4.5 Conclusão da pesquisa de campo

O projeto EJAI Mulher e a resignificação dos saberes femininos, nos desafiou a desenvolver metodologias no contexto quilombola da comunidade Laranjeiras em Aldeias Altas. Costumamos dizer que o primeiro desafio foi aceitar participar do projeto e encarar a distância e o difícil acesso para dar aulas, pois, pela estrada de chão ou pelo asfalto o percurso era longo e cansativo. Sem conhecer a comunidade, pensei que seria inviável pelo curto espaço de tempo para decidir se iria ficar ou não.

Na primeira visita, percebi que o lugar era histórico, na localidade nasceu Gonçalves Dias, um dos maiores poetas de todos os tempos, e lendo um de seus poemas “as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá”... já dizia que Laranjeiras era um lugar especial. Sem conhecer direito, observei as pessoas, suas palavras e contexto de vida. E no povoado por meio das inscrições na primeira visita, estava me sentindo à vontade, e comecei a ouvir as mulheres, que mesmo em quantidade pequena, ainda, lá estavam elas com expectativas à nosso respeito.

Na companhia de Doralice, a professora da escola local, chegamos num intervalo de 1 hora da cidade de Aldeias Altas/MA. Mas, foi na volta pra casa, que nossos professores nos indagaram: E aí, você topam o desafio? Ainda que cedo respondi que sim, pois no fundo sabia que os ventos iriam soprar ao nosso favor.

De volta ao local, dessa vez como monitoras, demos início ao projeto que duraria os próximos 6 meses. Em março de 2018, tivemos nossa primeira aula com as mulheres de Laranjeiras, ninguém conhecia ninguém, e para quebrar o gelo levamos uma dinâmica para saber de nossas alunas, o que gostavam de fazer, qual a história do nome delas e se haviam estudado.

Foi bem interessante porque de alguma forma conseguimos ouvi-las, pois eram muito caladas, havia um silêncio em todas as aulas, e como o pedagogo Paulo Freire ensina que devemos fazer uma reflexão sobre a prática, disse a mim mesma: ... ou nossa aula é muito ruim, ou não sei se é medo de falar. Esse problema durou desde o início até maio do mesmo ano.

Como se tratava de mulheres afrodescendentes, resolvemos falar sobre mulheres que ascenderam na vida política, científica e na cultura. Historicizamos, politizamos e conversamos de igual pra igual, até que conseguimos ouvir as vozes mu-

lheres de Laranjeiras. Termo que encontramos no texto da Conceição Evaristo, *Vozes-Mulheres*. Uma das muitas histórias de vida que levamos pra comunidade.

Nas metodologias sempre ficávamos a refletir sobre o que apresentar a elas, com muito cuidado, planejamento, compromisso encontrávamos maneiras de ensinar por meio de palavras descobertas por elas, a decodificação das letras. O que Freire chama de palavras “grávidas de mundo”.

Nossas idas e vindas eram às vezes, cansativas, engraçadas e aventureiras. Mas mesmo assim, sabíamos que aos sábados estávamos nos dirigindo a um lugar histórico, com pessoas simples, mas humanas, que nos ensinaram que não precisamos de muito para sermos felizes. Ainda assim, quando dizíamos que ensinávamos lá, alguns achavam loucura da nossa parte. Porém, nosso foco era as mulheres de Laranjeiras.

No meio do projeto, as aulas passaram a serem práticas. A extração da farinha que é um processo cooperativo com todos da comunidade. O curioso é que o dono reparte entre os participantes a farinha extraída, sem descontar da diária. É um processo bem dinâmico. Sem falar na extração do azeite, que é o momento em que as alunas colocam os “babados” em dia, seguido de música .

Tivemos momentos marcantes que fugiram as diretrizes propostas no plano de trabalho do projeto. Participamos de chá de bebê, café da manhã na comunidade, visita ao memorial de Gonçalves Dias. Aprendemos a quebrar o côco, o processo da farinha de mandioca, e balançar o bode (termo utilizado para matar muriçoca).

Tudo isso foi vivido dentro do projeto EJAÍ Mulher, historicizo, pra dizer que o caminho foi longo. E como fator principal destaco o afeto ligado as metodologias, pois isso deve estar presente em todas as aulas, inclusive no contexto fora dos muros da escolar. Para que pudéssemos obter tais resultados, foram necessários desenvolvermos atitudes de respeito, empatia, sempre procurando mostrar que a Pedagogia do afeto pode ser uma alternativa viável para uma aprendizagem significativa em comunidades quilombolas.

5. APONTAMENTOS FINAIS

Aprendemos que para alfabetizar mulheres negras dentro da comunidade quilombola, devemos primeiro conhecer o outro, respeitando-o e banindo-se de toda forma de preconceito. Em seguida, esperar o tempo determinado da fala, pelo público a quem vai ensinar. Outro fator importante é o que Paulo Freire chama de as “primeiras palavras”, trabalhando conteúdos que condizem com o ambiente onde está atuando, desenvolvendo assim, o respeito e preservando a identidade cultural.

Podemos perceber que a melhor forma de obter resultados positivos é por meio de uma metodologia associada com a afetividade, procurando mostrar, para os educandos, os erros nas maneiras de pensar e agir, e não por meios de palavras nocivas. Constatamos que as respostas encontradas acima não foram conseguidas meramente por meio de perguntas bem elaboradas e previamente planejadas, mas através da confiança, segurança, amizade e afetividade, depositado durante seis meses de familiaridade.

O afeto como ferramenta é imprescindível. Durante o período de observação percebemos o quanto é importante o papel da docência, principalmente quando associado com a afetividade. Os planos de aula, a reflexão sobre a prática, o respeito pela maneira como conversavam entre si, as brincadeiras, a cultura e principalmente o relacionamento entre aluno e professor. Esse é fundamental que seja positivo.

Foram seis meses de muito aprendizado, acompanhando sempre de perto, o progresso dessas mulheres notáveis, intituladas pérolas negras. Dentre as realizações marcantes, consideramos a farinhada, o quebrar o coco, a matança do boi, atividades peculiar da comunidade, que foram importantes nas nossas metodologias para alcançarmos nossos objetivos.

As lições que extraímos das experiências vividas na comunidade estão a simplicidade e a felicidade, dois adjetivos que encontramos durante todo o tempo em que estivemos na monitoria. Percebemos que quando nos colocamos no lugar do outro olhamos a vida de maneira mais solidária e humana. Isso fez com permanêssemos e acreditássemos de que metodologias associada a afetividade são fundamentais e geram resultados surpreendentes.

O aprendizado é algo tão precioso, que não seguramos a emoção em saber que, uma de nossas alunas trocou os documentos e dessas vez não foi necessário

utilizar a digital. Assinar o próprio nome foi algo extraordinário para nossas alunas. E para nós o orgulho e a sensação de dever cumprido.

Esta pesquisa contribui abrindo portas para futuros projetos, num campo riquíssimo de conhecimento, cultura, crenças, vivências, e histórias de antepassados que viveram, não apenas deixando um lugar para morar, mas um legado para toda vida. Laranjeiras é um lugar histórico, campo de pesquisa para inúmeras ideias.

Diante disso, podemos afirmar que a pesquisa foi positiva, alcançamos nossos objetivos e aprendemos novas metodologias de como ensinar e aprender dentro de uma comunidade quilombola.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fabiana. **A Pedagogia do afeto na sala de aula.** ilustrações Vanessa Alexandre. 2ª ed. Recife: Prazer de Ler, 2014.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação.** 2ª ed. Ver e atual. São Paulo: Moderna, 1996.
- CANDAU, Vera Maria. (org) **Rumo uma nova didática.** 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: selo negro, 2011.
- Derechos Humanos. Programa Interdisciplinario de Invetigaciones en Educación-PIIE. Santiago:
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** 1ª ed. Nandyala, 2008. Col. vozes da diáspora negra v.1.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Rio de Janeiro, 2017.
- FIGUEIREDO. Carlos Vinicius da Silva. Estudos Subalternos: uma introdução. **Rádio, Dourados,MS**, v.4, n.7, p.83-92, jan./jun. 2010.
- FREIRE, Paulo. **“Pedagogia do Oprimido - Paulo Freire.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três amigos de completam.** São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Paulo Freire: uma breve cartografia intelectual.** In: STRECK, D; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, J. (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 15-22.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa.** São Paulo: Paz e terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da solidariedade - Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire, Walter Ferreira de Oliveira.** 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- GADOTTI, M. **Escola Cidadã.** 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MAGENDEZO, Abraham K. Propuesta Hacia el nunca mas desde la Educación em

MAHONEY, Abigail Alvarenga.; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, 20, 1º sem. de 2005, pp.11-30.

MELO, Cristiane Silva; FLORINDO, Rosileide S. M.; MACHADO, Maria Cristina Gomes. História da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: um estudo sobre os movimentos de educação e cultura popular (1950-1960) e as contribuições de Paulo Freire. In: XVIII Semana de História, 2012. Disponível em: <http://www.indev.com.br/semana/trabalhos/2012/119.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo, ed. 1982.

RAUBER, Ana Maria da Trindade Rodrigues. **Concepções e perspectivas de educação**: Um estudo do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos - CEEJA . Dourados/MS. Caio Cezar Melo Ferri. Editor, 2014.

SILVA, Gislaine Rodrigues. A Educação de Jovens e Adultos: motivações mobilizadoras determinantes da sua permanência em sala de aula. Disponível em: <https://www.pedagogia.com.br/artigos/ejaestudo/>. Acesso em: 02 mai. 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**: as muitas facetas, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de alfabetização, leitura e escrita.

SPIVAK, Gayatri C. **Can the subaltern speak?** in: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (eds.). *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago: Chicago Press, 1988. p. 271-313.

TAMAROZZI, Edna; COSTA, Renato Pontes. **Educação de Jovens e Adultos**. 2ª Ed. Curitiba: IESDE Brasil. S.A. , 2009.

VECCHIA, Agostinho Mario Dalla. Educação e afetividade em Paulo Freire: Pedagogia da autonomia. **Grupo de pesquisa CNPq Teia da vida**, n.6. Disponível em: http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/ed06_art03.php. Acesso em 30 abr.2019.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: edições 70.

Sites consultados:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L5379.htm acessado em: 02/05/2019.

http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/resolucao_CNE_-CEB_01_2000.pdf acessado em: 12/05/2019.

escolaeducacao.com.br/conceicao-evaristo/ acessado 23/05/2019.

<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>. Acesso em: 15/03/2019.

<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>. Acesso em: 10/05/2019.

<https://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/2403169/a-primeira-juiza-negra-do-brasil-luislinda-valois-decretou-a-primeira-sentenca>. Acesso em: 15/04/2019.

<http://secon.udesc.br/leis/ldb/ldb5cap2.html>. acessado em 05/05/2019.